

LETRAMENTO ACADÊMICO E INCLUSÃO: A EXPERIÊNCIA DOS DOCENTES SURDOS NA UNIVERSIDADE

Josiane Junia Facundo¹

INTRODUÇÃO

Há quase duas décadas, a trajetória de sujeitos surdos toma novos rumos, com a promulgação do Decreto 5626/05. Este documento oficializou a lei que reconhece a Libras como língua brasileira e regulamentou a educação bilíngue dos surdos no Brasil. Entre as medidas previstas no decreto está a que torna a Libras uma disciplina obrigatória nos cursos de formação de professores e, além disso, dá prioridade às pessoas surdas para ministrarem essa disciplina.

A partir dessas diretrizes, os surdos passam a buscar maior qualificação, a fim de se tornarem professores do ensino superior. Vale ressaltar que muitos deles já ensinavam a língua brasileira de sinais (antes mesmo de esta receber a denominação Libras) em contextos religiosos ou em associações. No entanto, eram chamados de instrutores de Libras.

Paralelamente às determinações dispostas no decreto, algumas universidades se adequam para atender tais determinações, seja por meio da oferta de curso de formação inicial como o de Letras-Libras, oferecido inicialmente pela Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC, na modalidade semi-presencial; seja por meio de formação continuada, como as muitas especializações que surgiram nesse contexto.

O fato é que ao se qualificarem e ocuparem o espaço universitário, os professores surdos, que já haviam vencido a barreira do acesso, deparam-se com outros obstáculos, entre os quais o principal é o linguístico. A universidade os acolhe em observância às determinações legais, mas o espaço universitário não foi pensado para os professores surdos e resta a estes ajustar-se ao modelo ouvinte. Nesse formato, as atividades todas são mediadas pela língua portuguesa em todas as suas modalidades, sobretudo a escrita. Sendo os professores surdos falantes de Libras como primeira língua e com diferentes domínios da língua portuguesa como segunda língua, veem-se em desvantagem dos demais professores ouvintes diante das demandas profissionais como orientação de estudantes, produções de artigos e participação em eventos acadêmicos entre outras atividades todas em língua portuguesa.

Para conhecer melhor as dificuldades enfrentadas por essas pessoas surdas e dar voz a esses docentes, que muitas vezes são silenciados pela barreira linguística, apresentamos, neste trabalho as narrativas que compreendem as experiências dos professores surdos no contexto acadêmico, desde o processo de formação à inserção no mundo do trabalho docente, no contexto universitário.

Tais relatos são um recorte de um projeto que investigou práticas de letramento em língua portuguesa de professores universitários surdos.

¹ Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná (IFPR).
josiane.almeidal@ifpr.edu.br

REALIZAÇÃO



UNIVERSIDADES PARCEIRAS



APOIO



1 METODOLOGIA

Com o objetivo de identificar as principais práticas de letramento que constituíram os docentes surdos, foram realizados registros em vídeo das narrativas de letramento dos professores envolvidos. A narrativa tem se mostrado um recurso significativo para acessar a realidade, tanto quando o foco é o indivíduo, quanto quando se trata de um grupo. Para Campos-Almeida (2005, p.55) “a construção das narrativas possibilita aos sujeitos traçarem fios estabilizadores de suas identidades”. As vivências apresentadas contribuem para a compreensão do que é analisado, o que torna as narrativas fontes essenciais de pesquisa, sobretudo nas Ciências Humanas.

Essas entrevistas narrativas foram conduzidas em Libras e traduzidas para o português pela própria pesquisadora. Flick (2009) sugere o uso da técnica de entrevista semiestruturada, na qual as falas dos entrevistados são apresentadas a eles, permitindo que possam aceitá-las, rejeitá-las ou alterá-las. Dessa forma, para assegurar que não houvesse distorções interpretativas, ao final do processo, a pesquisadora enviou o texto de cada entrevista para os participantes da pesquisa.

Participaram da pesquisa, nove professores surdos que atuavam ou já haviam atuado como docentes no ensino superior ou na pós-graduação *lato sensu* em algum momento. Em ambos os casos, a disciplina ministrada foi a Libras. O grupo foi composto por 4 homens e 5 mulheres, entre 23 e 53 anos de idade. Neste texto, os participantes serão identificados com a letra D (docente) mais a idade no momento da entrevista.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E/OU DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

A expressão “letramento acadêmico” emerge no contexto da chamada “explosão conceitual” do letramento (Vianna, 2016), junto com outras formulações que acabaram por restringir o conceito de letramento à linguagem, negligenciando as dimensões sociais e culturais presentes nos estudos.

A perspectiva do letramento acadêmico que entende o letramento como uma prática social enxerga a escrita e a aprendizagem dos estudantes como questões de ordem epistemológica e identitária, indo além de simples habilidades ou processos de socialização. As instituições onde ocorrem as práticas acadêmicas são vistas, por sua constituição, como espaços de discurso e poder. (Street, 2010).

É nessa linha de letramento acadêmico que refletimos sobre os sujeitos surdos inseridos no ambiente universitário, bem como as instituições de ensino superior onde estudam ou lecionam, como um espaço onde possam se expressar discursivamente. São poucos os surdos que conseguem acessar o ensino superior como alunos, e menos ainda os que assumem cargos docentes nessas instituições. No entanto, esses professores surdos são a “voz” da comunidade que representam, considerando que as discussões sobre surdos – envolvendo educação, trabalho, língua, cultura, entre outros temas – têm ganhado cada vez mais espaço nos debates científicos, influenciando as políticas voltadas para essa população.

No que diz respeito às competências necessárias para participar desses debates, o foco recai sobre o discurso. Nesse sentido, o domínio dos gêneros acadêmicos, sejam escritos ou orais, pode abrir mais oportunidades de participação em práticas discursivas, permitindo também que os surdos imprimam sua identidade nessas práticas, modificando ou introduzindo novos gêneros à academia.

REALIZAÇÃO



UNIVERSIDADES PARCEIRAS



APOIO



As narrativas dos professores surdos nos ajudam a compreender como esses sujeitos lidam com tais práticas de letramento, na vida acadêmica e profissional,

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No que diz respeito ao letramento acadêmico, as narrativas revelam histórias de desafios e superações. As análises dos perfis dos docentes mostraram que muitos professores surdos passaram grande parte de sua formação, ou quase toda, sem acesso à língua de sinais e sem o apoio de intérpretes, precisando, assim, buscar outras maneiras de aprender.

Quanto às atividades acadêmicas e profissionais, que envolvem gêneros dessa área, observa-se que, em geral, os professores surdos tendem a seguir modelos para elaborar textos escritos em português, como se pode observar pelos relatos a seguir:

“Tirei dúvida com intérprete...escrevi, mostrei para ela e ela fez a revisão do texto...Eu busquei seguir um modelo para me basear”. (D34)

“Quando eu tenho um modelo do que é para ser feito e só tenho que adequar, eu posso fazer em casa, mas a parte dos procedimentos metodológicos é mais difícil porque é específico”. (D40)

Apesar de a atividade com textos acadêmicos exigir bastante esforço, de forma geral, por serem os chamados gêneros secundários, segundo Bakhtin (1997), para os surdos esses gêneros se tornam ainda mais desafiadores por estarem em português, sua segunda língua.

Frequentemente, as interações na vida acadêmica e no trabalho, envolvendo esses gêneros, revelam-se bastante conflitantes, principalmente porque os surdos acabam dependendo do apoio de colegas ouvintes, que nem sempre entendem sua condição linguística. Assim, a relação com os gêneros acadêmicos acaba sendo de dependência (dos ouvintes) ou de superação, quando essa ajuda não está disponível, como evidenciam os relatos a seguir:

Tinha as provas...eu tinha que ler os textos sozinho...não tinha explicação. Mergulhei nos estudos, me esforcei o máximo...acho que estudava 24 horas por dia, todos os dias...aos domingos nem saía de casa, ficava preso estudando, só então comecei a aprender português. Foram 4 anos assim (D23).

Fizemos a monografia em grupo, eu e duas ouvintes, mas eu me senti excluída. Eu gostaria que elas tivessem pedido minha opinião quanto ao tema da monografia, que houvesse uma troca de ideias, mas não houve.[...] Às vezes, quando preciso preencher um diário, faço, mostro para os colegas de trabalho e as vezes eles só dizem que está errado, mas ninguém me explica qual a forma correta de fazer[...] é muito difícil para mim (D24).

Esse colega surdo me ajudou e também uma intérprete que era aluna do curso de bacharelado em Letras-Libras. Foi muita luta! Sempre há barreiras, me mandam fazer as coisas em português e eu acabo recorrendo a outras pessoas (D53).

Quando as relações acadêmicas entre surdos e seus colegas ouvintes surgem por arranjos determinados pelo contexto, como em atividades de grupo, os surdos tendem a se sentir em desvantagem, por não conseguirem contribuir da forma como gostariam. Nesse contexto, a língua portuguesa é percebida como um obstáculo, já

que em grande parte dos ambientes sociais ela é o principal meio de interação. Dependendo do nível de domínio que o surdo tem dessa língua, suas relações sociais no meio acadêmico podem ser mais ou menos desafiadoras. O relato da professora D40, a seguir, ilustra bem o sentimento dos surdos diante dessa realidade:

Na pós (lato sensu) também tive que fazer artigo em grupo. Fiz junto com duas colegas (ouvintes). Eu escolhi um tema, mas elas não concordaram, escolhi outro e não aceitaram então deixei que elas escolhessem. Elas pediram pra eu fazer um pequeno resumo do tema, que eu pesquisasse e deixasse que elas fariam o resto, só isso.[pensativa]...mas sinto que foi ruim para mim, porque eu também precisava aprender (D40).

Depender dos ouvintes nas atividades acadêmicas é muito comum por parte dos surdos. Vimos isso nas narrativas de quase todos os professores, sujeitos de nosso estudo. No entanto, essa situação é desconfortável para muitos desses sujeitos. Contudo, alguns surdos, ao conseguirem dominar melhor a LP são requisitados na comunidade por outros surdos para auxiliarem em atividades acadêmicas, como se pode observar no relato:

Eu também tinha um amigo surdo, que tinha um português melhor que eu, mostrava para ele e ele me ajudava na revisão do texto. Não fiz sozinha não. Foi com ajuda (D51).

Levando em conta a trajetória acadêmica e profissional dos professores surdos e suas batalhas para superar a barreira linguística nesses ambientes, nota-se que dominar a língua portuguesa simboliza uma forma de independência. Ao questionar os professores sobre o papel que a língua portuguesa desempenha em suas vidas e sobre a relevância dessa língua para o exercício de sua profissão, obtivemos as seguintes reflexões:

Eu acho importante porque é a língua utilizada no Brasil, tudo é português [...] e dentro do trabalho para a comunicação com os alunos, quando escrevo no quadro é em português, os textos escritos são em português. A Libras é mais na prática, mas o tempo todo utilizo o português no processo de ensino (D51).

Eu acho o português importante, sim, preciso usar para registrar os conteúdos, ensinar o vocabulário, etc. Mas o português não é o que vai ajudar o surdo, não. Primeiro ele tem que aprender a Libras porque é uma língua visual. O português é a segunda língua (D40).

CONCLUSÃO

As narrativas revelaram que a trajetória envolvendo o letramento acadêmico dos professores surdos foi bastante complexa, desde sua formação inicial até sua atuação profissional atual. Os relatos demonstram que há relação de dependência dos ouvintes e/ou outros surdos que dominam a escrita da língua portuguesa.

Percebeu-se ainda que na tentativa de superar as dificuldades com gêneros acadêmicos, os surdos recorrem a modelos de textos do mesmo gênero. Embora reconheçam a importância da língua portuguesa como língua majoritária e necessária para as relações sociais, principalmente no mundo do trabalho, enfatizam e reiteram a Libras como a língua principal e pela qual adquirem conhecimento.

REALIZAÇÃO



UNIVERSIDADES PARCEIRAS



APOIO



Desse modo, conclui-se que a participação efetiva dos professores surdos no contexto acadêmico só se fará possível quando sua produção intelectual puder se dar em Libras (sinalizada), considerando que há recursos tecnológicos para tal e, posteriormente, ser traduzida para a língua portuguesa, a fim de que seu conhecimento seja disseminado na comunidade acadêmica, permitindo que sejam inseridos no debate geral.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CAMPOS-ALMEIDA, A. L de. **As leituras nos discursos e nas práticas pedagógicas e sua relação com a constituição da identidade de professores**. 2005. 230 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

FLICK, U. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Bookman, Artmed, 2009. Título original: Managing Quality in Qualitative Research.

STREET, Brian. Academic Literacies approaches to Genre? **RBLA**, Belo Horizonte, v.10, n.2, p.347-361, 2010.

VIANNA, C.A.D. Do letramento aos letramentos: desafios na aproximação entre letramento acadêmico e letramento do professor. In: KLEIMAN, A.B; ASSIS, J.A.(orgs.). **Significados e Ressignificações do letramento**: desdobramentos de uma perspectiva sociocultural sobre a escrita. Campinas: Mercado das Letras, 2016. p.27-59.

REALIZAÇÃO



UNIVERSIDADES PARCEIRAS



APOIO

